

A MULHER SOB O JUGO DO HOMEM: ASPECTOS DA OPRESSÃO PATRIARCAL NO ROMANCE *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*, DE PAULINA CHIZIANE

James Rios de Oliveira SANTOS¹

RESUMO

Nikette: uma história de poligamia é um romance moçambicano, cuja autoria é da escritora Paulina Chiziane. O texto, publicado em 2002, abre margem para discussões que se enveredam pelas mais diversas linhas de estudos contemporâneos de literatura e cultura, principalmente às questões concernentes à situação da mulher em um espaço pós-colonial. Desse modo, buscar-se-á, neste artigo, analisar o processo de dominação masculina na obra em tela, a partir das considerações teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Constituem o escopo teórico desta discussão Bourdieu (2005), Bonnici (2005), entre outros autores que se debruçam sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Opressão. Dominação Masculina. Violência Simbólica. *Habitus*.

THE WOMAN UNDER THE JUDGE OF MAN: ASPECTS OF PATRIARCHAL OPRESSION IN *NIKETCHE: A STORY OF POLYGAMY*, BY PAULINA CHIZIANE

ABSTRACT

Nikette: a story of polygamy is a Mozambican novel written by Paulina Chiziane. The novel first published in 2002, embodies discussions that are adopting the most diverse lines of contemporary studies of literature and culture. So in this article is aimed to show, in the prose, the way it operates the merger process of *habitus*, or, in other words, the male domination – a concept formulated by the French sociologist Pierre Bourdieu, who discusses in a theoretical perspectiva, tangential issues to feminism. Constitute the theoretical scope of this discussion Bourdieu (2005), Bonnici (2005), among other authors that focus on this matter.

KEYWORDS: Male Domination. Symbolic Violence. *Habitus*.

INTRODUÇÃO

O romance *Nikette: uma história de poligamia* é de autoria de Paulina Chiziane, escritora moçambicana natural de Maputo. Seu trabalho nos interessa nesta discussão porque está inscrito numa linha de narrativa feminina africana de crítica à poligamia, abrindo, assim, margem para reflexão sobre os aspectos concernentes à opressão patriarcal. Ademais, a obra, pertencente à esfera literária, é constituída por uma linguagem notadamente simbólica e imagética, devido ao vigor poético que envolve toda a narrativa, a qual apresenta uma gama de questionamentos que diz respeito à situação da mulher negra, inserida em um espaço pós-colonial como é o caso de Moçambique – contexto de produção do texto.

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação e Letras da Universidade Estadual de Maringá, com ênfase em Estudos Literários. E-mail: jamestima@hotmail.com

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o jugo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

É preciso esclarecer, logo de antemão, ao interlocutor deste texto, que este trabalho não se fundamenta nas teorias concernentes aos estudos pós-coloniais para conduzir a análise que propomos. Todavia, julgamos pertinente realizar, em primeira instância, uma contextualização do romance ao âmbito maior em que ele está inserido, com intuito de fazer com que o leitor literário não incorra no risco de cair na armadilha a que uma leitura desvencilhada de seu contexto possa sugerir: na compreensão presumidamente equivocada de que o romance da autora moçambicana resume-se em uma literatura panfletária, cujo valor estético, na maioria das vezes, só lhe é atribuído dentro de sua esfera de circulação discursiva.

A literatura moçambicana no contexto pós-colonial: breves considerações

Embora não se circunscreva no quadro histórico da guerra colonial², a obra de Chiziane apresenta indícios de que as marcas da colonização ainda se fazem presentes na vida cotidiana das mulheres negras, sobremaneira nas das moçambicanas, pois, conforme registra Cunha (2010, p.65), no período em que antecedeu a independência do país, “as situações de submissão se agravaram, além da tentativa de homogeneização social e desestruturação quanto à formação das tribos e das famílias, houve a imposição dos costumes europeus, e segregação total das mulheres tanto no meio social quanto familiar”.

Nesse sentido, a realidade dessas mulheres, ainda hoje, é constituída por uma série de restrições que lhes foram/são impostas, como, por exemplo, a não participação ativa na vida econômica e social de seu país, e a não possibilidade de opinar nos assuntos domésticos, o que nos leva a constatar que a opressão patriarcal e “as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas” (BONNICI, 2005). A esse respeito, complementa Bonnici (2006, p.15):

A continuação da situação subalterna da mulher nas sociedades pós-coloniais provocou uma reação (1) contra o eurocentrismo, considerado responsável pelo fracasso do nacionalismo e pela permanência do patriarcalismo, e (2) contra o nacionalismo estreito, especialmente diante da realidade de comunidades híbridas e diaspóricas atuais (BONNICI, 2006, p.15).

Um fato importante a ser considerado, em nosso artigo, remete-se ao acesso restrito das mulheres moçambicanas à leitura e à escrita - na primeira metade do século XX -, que lhes foi barrado por duas razões: por serem mulheres e por serem africanas, ou seja, por serem duas vezes

² Moçambique foi colônia do império português até 1975, quando se tornou independente após inúmeros conflitos armados entre colonos e colonizadores, na conhecida Guerra Colonial Portuguesa.

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o jugo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

colonizadas (BONNICI, 2005), o que as mantiveram “durante muitos anos caladas, sem espaços para nenhum tipo de manifestação textual ou verbal” (CUNHA, 2010, p.65).

Após a década de 1950, entretanto, é que se observa um movimento de mudança nesse cenário com o surgimento de uma multiplicidade de movimentos culturais de contestação e a ascensão de correntes de estudos feministas que foram introduzidas em diversas instituições de ensino superior das ex-colônias europeias, influenciando (in)diretamente no “acesso educacional maciço por parte das mulheres” (BONNICI, 2006, p.15). Esse fato implica diretamente em nossa discussão, pois é somente quando esses sujeitos pós-coloniais alcançaram o “lugar da fala”³ é que surgiram obras como a de Paulina Chiziane, que manifesta, em seus romances, mais especificamente em *Niketche*, as vozes de muitas mulheres africanas, as quais sentiram, na inscrição de seus próprios corpos, as mais variadas formas de opressão, quer por parte de seus maridos, quer por parte dos colonizadores europeus.

Diante do exposto, podemos afirmar que a literatura moçambicana deve ser considerada pós-colonial não só pelo fato do país ter sido colônia de Portugal, mas porque é constituída por uma plêiade de autores como Mia Couto, Luiz Bernardo Honwana, Nelson Saúte, Paulina Chiziane, entre tantos outros que se empenham no resgate da identidade cultural de seu povo ao submeterem suas obras a “uma estética a partir do excluído” (BONNICI, 2005, p.10), resistindo aos “valores” deixados pelo opressor.

Podemos esperar, portanto, que as manifestações literárias em prosa desses escritores apresentem, no plano da narrativa, personagens conscientes em relação à opressão dominante, elevando o tom do discurso a nível contestatório, ainda que suas obras sejam constituídas por uma linguagem repleta de recursos estilísticos. *Niketche*, por exemplo, é assim: um texto ácido e de grande vigor narrativo, narrado em primeira pessoa por uma personagem que se manifesta por meio de uma linguagem metafórica quando sente a necessidade de voltar para dentro de si, numa perspectiva introspectiva. Ou que não hesita em deixar, na voz do opressor – através do discurso direto – a denúncia do abuso e da opressão patriarcal: “cala-te, mulher. Desde quando tu tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta” (CHIZIANE, 2004, p.60).

A dominação masculina em *Niketche*: a mulher sob o jugo do homem

³ Ver Regina Dalcastagnè: “O lugar da fala”. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. São Paulo: Horizonte, 2012.

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o jugo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

Pierre Bourdieu foi, certamente, um dos grandes intelectuais do século XX pela incisiva atuação nos campos da antropologia e da sociologia, desenvolvendo pesquisas que avançaram por diversas áreas do conhecimento humano, como a educação, cultura, política, arte, linguística, literatura - só para citarmos algumas. Mas é como sociólogo, dedicado à discussão do feminismo que esse teórico nos interessa neste trabalho.

A *Dominação Masculina*, uma de suas obras de maior relevância nessa perspectiva de estudos, constituiu-se a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada pelo autor entre as décadas de 1950 e 1960, no interior da sociedade Cabila – região localizada ao norte da Argélia. No contato sociedade, o pesquisador constatou que ela se organiza a partir do princípio androcêntrico, em que as relações sociais entre homens e mulheres se dão de forma assimétrica, com vantagens significativas para as pessoas de sexo masculino, cuja superioridade⁴ se constrói, sobre o feminino, na forma de *habitus*. Este termo, vale ressaltar, foi cunhado pelo autor para se referir ao modo como as estruturas sociais são incorporadas pelos indivíduos dessa sociedade⁵ a partir de disposições mentais e/ou cognitivas que os orientam em seus modos de sentir, pensar, agir etc.

Na obra em tela, Bourdieu (2005) lança-se à reflexão sobre dois aspectos importantes: 1) a permanência da dominação androcêntrica na contemporaneidade; 2) e o seu processo histórico de reprodução. A este respeito, é preciso ponderar que o teórico não compreende a “ordem social das coisas” como um processo de representação ou uma ideologia, mas como um sistema de estruturas permanentes, as quais são perpetuadas tanto de forma subjetiva quanto de forma objetiva, por meio de vias simbólicas – ou “violência simbólica”, para falarmos nos termos do autor – uma vez que estão inscritas nos corpos e nas mentes dos sujeitos, não necessitando, portanto, de uma coerção física ou qualquer tipo de imposição direta sobre estes.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível, a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento (BOURDIEU, 2005, p. 7).

Sendo, pois, a violência simbólica uma violência “suave”, “insensível”, “invisível”, a qual se coloca na ordem das coisas de maneira natural e que não precisa ser justificada, ela faz das diferenças biológicas entre os homens e as mulheres o seu fundamento natural e evidente. Isto se deve ao fato de que, para o sociólogo, a natureza biológica das pessoas, desde o Renascimento,

⁴ Para Bourdieu (2005, p.18), a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

⁵ A noção de *habitus*, segundo o autor, também pode ser aplicada em muitas sociedades ocidentais. SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o julgo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

passou a ser encarada como “fundamentos da ordem social”, que determinaram as posições sociais dos sujeitos. Bourdieu (2005) ainda salienta que o ato da dominação é constituído a partir do seu reconhecimento e da sua reprodução pelos próprios indivíduos, pois as estruturas “históricas da ordem masculina são incorporadas na forma de *habitus*, ou seja, sob esquemas de percepção e de apreciação que determinam quais comportamentos e posturas são adequados aos homens e as mulheres” (BETTI, 2011, p. 02).

Partindo do pressuposto de que a dominação masculina é reproduzida pelos sujeitos – homens e mulheres –, podemos afirmar, respaldados no teórico francês, que estas, no processo de incorporação do *habitus*, assumem para si o “preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas”, confirmando “seguidamente tal preconceito.” (BOURDIEU, 2005, p. 44). Em *Nikette*, a personagem Rami, refletindo sobre sua condição de “ser mulher” na sociedade em que vive, ratifica essa proposição de Bourdieu ao apresentar, no plano da narrativa, o descontentamento para com seu gênero, quando afirma que ela e todas as outras mulheres são “o eterno problema e não há como solucioná-lo”, já que são “um projeto imperfeito” (CHIZIANE, 2004, p.208). No fragmento abaixo, Lu, uma das “rivais” da protagonista, discute com esta sobre o fardo que as mulheres carregam já no nascimento, por meio da marcação biológica do sexo:

Quem não pensa em sexo neste mundo, quem? – diz Lu. – Quando a criança nasce, é para lá que olhamos, e gritamos: é rapaz. Obrigada, Deus, por esta dádiva. Ou dizemos baixinho: é uma menina. Mais uma; meu Deus, eu não tenho sorte nenhuma. Só depois disso é que olhamos para o rosto, e para o corpo. (CHIZIANE, 2002, p.178, grifo nosso).

A depreciação da feminilidade pode ser ainda observada, no romance, no momento em que Rami descreve, metaforicamente, a constituição da mulher a partir das “oposições homólogas, alto/baixo, em cima/em baixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, duro/mole, fora (público)/dentro (privado), etc.” (BOURDIEU, 2005, p.16, grifo nosso), reservando a ela (mulher) todas as atribuições que tendem a se colocar num patamar inferior, conforme as palavras acima grifadas.

Toda ela é feita de curvas. Não tem sequer uma linha reta, não se endireita. É surrealista? Não. É abstrata? Também não. É gótica, isso sim. Tem arcos, abóbodas, ogivas. Ela é mole, ela é fraca, ela é teimosa como a gota de água que tanto bate até que fura. Mulher fala muito e fala demais. Por isso ela é silêncio, é sepultura, vivendo no fundo do poço (CHIZIANE, 2002, p.308, grifo nosso).

Podemos ratificar, portanto, a proposição teórica de Bourdieu, o qual afirma que a dominação masculina é um atributo universal inscrito nas mentes dos indivíduos, uma vez que o excerto acima nos oferece – ainda que a título de ilustração ficcional – condições de perceber que as

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o julgo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

vias simbólicas, meio pelo qual o domínio masculino opera, não se restringem apenas às fronteiras da sociedade Cabila, fazendo-se presente em outras sociedades como a de Rami, por exemplo, que, embora não tenhamos, na trama, uma indicação exata de seu país, valemo-nos do contexto de produção em que a obra está inserida para justificarmos a assertiva do autor.

No contato com a obra de Chiziane, o leitor irá se deparar com uma quantidade significativa de monólogos interiores utilizados pela romancista para dar voz a sua protagonista, que, por várias vezes, extravaza suas emoções, inquietudes e anseios, lançando-se sempre a uma reflexão após algum incidente relevante. Em um desses encontros consigo mesma, Rami releva a sua lucidez em relação à dominação masculina ao discutir, novamente por meio de metáforas, as posições que o homem ocupa em seu espaço social. Ele, na concepção da actante⁶, é o sujeito ereto, forte, situado no ponto mais alto de qualquer superfície - como o sol e a estrela, por exemplo - ou atuando como uma “seta implacável perfurando todas as curvas do universo para endireitar todos os caminhos do mundo” (CHIZIANE, 2004, p.308).

O homem é aquele por quem todos os sinos dobram. É aquele por quem todas as vozes se levantam, quando a morte o leva: era tão bom, que falta vai fazer, meu Deus! Homem é causa da dor das viúvas. *Porque é um ser concreto. Perfeito. Altíssimo.* Aquele que se procura e nunca se encontra. Todo homem é um sucesso. *Todo homem é um sol. É uma estrela que fala pelo silêncio e vive eternamente.* Todo ele foi construído com geometria de santidade. É feito de retas (CHIZIANE, 2004, p.308-309, grifo nosso).

A sua imagem cresce em direção ao Sol. Como a estátua de Zeus tem os pés assentes nos extremos opostos diâmetros do mundo, por isso tudo tem que passar *por baixo* de suas pernas. Os navios. As águas doces dos rios. As multidões, os carros, os caminhões. *E todas as mulheres do mundo.* (CHIZIANE, 2002, p.308-309, grifo nosso).

No tocante aos dois excertos acima, chamamos a atenção para o modo como a personagem descreve as representações do homem e da mulher no sistema androcêntrico, por meio das oposições análogas que, segundo Bourdieu (2005), engendram as estruturas de percepção que projetam as categorizações dos dominantes sobre o corpo biológico dos sujeitos dominados, os quais trazem consigo as insígnias distintivas que predisõem as posturas sociais que devem ser adotadas por eles.

Avançando nessa discussão, Bourdieu (2005, p.18) postula que a diferença anatômica entre os sexos masculino e feminino tem sido utilizada, também, como justificativa “natural” para se

⁶ Emprestamos do semiótico russo, Algirdas Julien Greimas, o termo *actante* para nos referir aos personagens da narrativa.

promover a divisão social do trabalho. Nas palavras do autor, a ordem social das coisas, que tem funcionado como uma máquina simbólica, “tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu momento, seus instrumentos [...]”. Consoante ao postulado do teórico, é notório o privilégio dos homens no que concerne à ocupação de cargos e funções trabalhistas, em detrimento das atividades realizadas pelas mulheres, as quais, muitas delas, ocupam-se de tarefas desprestigiadas. Essa proposição pode ser muito bem observada na obra analisada, uma vez que Tony, esposo de Rami, é comandante de polícia – profissão de alto prestígio em Moçambique, dado ao contexto de guerras civis pelas quais o país recentemente passou. Em linha oposta, as personagens femininas ocupam-se, num primeiro momento da trama, de afazeres domésticos, como bem pontua um dos actantes (não identificado): “As nossas mulheres são trabalhadoras. *Cuidam da casa, varrem o quintal, lavam a roupa, destilam boa aguardente para nós*, seus maridos, buscam água na fonte e preparam o nosso banho, *são boas na cozinha e na cama também*” (CHIZIANE, 2004, p.208, *grifo nosso*).

A divisão social do trabalho, definida a partir da demarcação biológica do sexo, é apenas um dos “elementos” que compõe a conjuntura de fatores que dão forma a dominação masculina, pois, conforme frisa Bourdieu (2005, p.38), “os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem”, ainda, “sob formas de maneiras permanentes de servir do corpo, ou de manter a postura, que são como uma realização, ou melhor uma naturalização ética”. Em outras palavras, a submissão feminina pode ser observada por meio da naturalização do ato das mulheres se inclinarem, de se abaixarem ou submeterem-se às ordens masculinas.

Em *Niketche*, é evidente a supremacia do poder patriarcal sobre as mulheres: “Eu sou obediente. Sempre fui fiel e nunca pequei nem em pensamento.guardo sempre as ordens do meu senhor” (CHIZIANE, 2004. p.188-189) - diz uma rongá⁷ à Rami. No excerto abaixo, a narradora põe-se a refletir sobre a situação vivenciada pela sul-moçambicana, permitindo-nos evidenciar uma de muitas cenas em que a inclinação da mulher em relação ao homem se dá de maneira natural na obra, sem nenhum questionamento que possa colocar em xeque tal supremacia:

Não respondo nada, apenas lamento: pobrezinha! Entristeço o choro. Esta.. vive num comportamento hermético sem nascente nem poente. Não pode chorar porque falta ar. Não pode gritar porque não tem eco. Não conhece brisa, nem o céu azul,

⁷ Ronga é uma das etnias do Sul de Moçambique. Nessa localidade, é importante frisar, “as mulheres rongas e tsongas foram vítimas de um atravessamento cultural maior em razão da colonização portuguesa que, intensamente, condicionou o processo de adaptação das culturas locais à europeia. Essas mulheres do sul moçambicano, subjulgadas ao modelo paradigmático judaico-cristão, sofreram um processo repressor mais acentuado, articulado pelo sistema patriarcal” (SILVA, 2009, p.60 *apud* BOTOSO e PIOLA, 2012, p.61).

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o julgo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

nem estrelas. *Aprendeu a dizer sim e a nunca a dizer não. Aprendeu a dizer obrigada, a dizer perdão e a viver na humilhação. Quando o carrasco diz: Maria chega para aqui, ela responde, sim senhor. Agora deita-te, sim senhor. Agora abre. Sim senhor. Agora come. Sim senhor. Agora chega. Obrigada senhor. Agora levanta-te, comeste demais por hoje. Perdão senhor.* (CHIZIANE, 2002, p.189, grifo nosso).

Vale ainda ressaltar que, na compreensão de Bourdieu (2005), as mulheres que se submetem aos homens de maneira mais incisiva são aquelas provenientes de um contexto social menos favorecido, como as operárias, as camponesas, as artesãs, entre outras que dependem do casamento para obterem uma posição social privilegiada. No contato com a obra de Paulina Chiziane, é bem verdade que o leitor não irá se deparar com personagens que se ocupam dessas profissões nominadas, o que está em jogo, nesse caso, é a precária situação financeira das “rivais” de Rami (Julieta, Luísa, Saly e Mauá Sualé), as quais dependiam veementemente dos recursos financeiros de Tony para sobreviverem, levando-as, sem hesitar, a submeterem-se às imposições do amante. Mas é com o auxílio financeiro recebido da protagonista que essas quatro mulheres irão tomar nova projeção na narrativa ao alcançarem o sucesso em seus empreendimentos⁸, mudando, inclusive, suas posições sociais e, conseqüentemente, a sua relação com o homem, pois

à medida que decresce a dependência objetiva, que contribui para produzi-las e mantê-las (a mesma lógica de ajustamento das tendências às oportunidades objetivas explica por que se pode constatar que o acesso das mulheres ao trabalho profissional é fator preponderante de seu acesso ao divórcio) (BOURDIEU, 2005, p.49).

Devido ao fato de as personagens estarem situadas em uma sociedade poligâmica, não podemos falar em divórcio se quisermos nos referir às situações (extra)conjugais que se desfizeram no plano da diegese a partir da autonomia adquirida pelas actantes. Contudo, a tese de Bourdieu pode ser aplicada se ajustarmos sua proposição ao contexto maior em que as relações amorosas estão circunscritas, ou seja, dentro da própria poligamia.

Nesse mesmo sentido, Andrea Semprini (1999, p.52) afirma que “o acesso maciço das mulheres ao ensino superior e ao mundo do trabalho e a conquista da autonomia econômica contribuiram para o surgimento de reivindicações pela igualdade real, contra a marginalização e a opressão”. Fato este que levou – salvo as devidas proporções, é claro – as personagens femininas da obra em análise a não precisarem mais estender suas mãos “para pedirem sal e sabão”, uma vez que

⁸ Conforme registram Botoso e Piola (2012, p.39), as personagens femininas que configuram o primeiro plano da obra ocupam-se das seguintes atividades: “Rami e Luísa iniciam uma pequena loja para vender roupas. Saly abre uma loja na qual vende bebida. Julieta torna-se dona de um pequeno armazém e Mauá Sualé começa um estabelecimento próprio, um salão de cabeleireiro no centro da cidade”.

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o jugo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

possuem os seus “negócios, vida própria, sonho e sombra”, além de terem segurança, “mesmo que o ex-morto morra” (CHIZIANE, 2004, p.254). Uma dessas mulheres (Lu), aliás, obtém a admiração de Rami:

Começo a admirar esta mulher. A forma prática como ela resolve os problemas da vida. Sua sinceridade. A frontalidade. *Ela não teme as bocas do mundo. É senhora de si e faz tudo o que lhe apetece. Resiste. Luta. Decide. Escolhe. E conquista da vida o seu pedaço de chão. Um chão estéril, mas o seu pedaço de chão.* Ela sabe escolher a terra fértil onde germinará a flor, perfumada e sem espinhos. Escolhe as mãos delicadas que irão colher: as que agradam e as que cuidam (CHIZIANE, 2002, p. 252, grifo nosso).

Podemos observar, ainda, no curso da narrativa, que Tony sofre a ausência de suas amantes quando estas alcançam o sucesso financeiro, mas seu sofrimento – vale lembrar – não atinge sequer as camadas mais superficiais de qualquer sentimento afetivo, o que nos permite formular duas hipóteses para o seu desolamento. A primeira baseia-se no fato de que, no jogo da dominação, o personagem masculino vê-se vencido ao perder o “respeito” e as regalias proporcionadas por suas mulheres-objetos, as quais sempre estavam dispostas a lhe servir, como demonstra o seguinte fragmento:

- *Já não me servem de joelhos como antes, não me massageiam os pés quando descalço os sapatos.* Ultimamente, quem me abre a porta é o criado, porque elas nunca estão em casa. *Só tem a cabeça nos negócios e dizem que estão ocupadas.* (CHIZIANE, 2002, p.302, grifo nosso).

A nossa segunda hipótese – podemos dizer a mais considerável – está fundamentada na perda da virilidade de Tony. Bourdieu (2005, p.63, *grifo do autor*) postula que os homens também são vítimas da representação dominante, uma vez que “ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõem sob a forma do é evidente por si mesma, sem discussão”. Nesse sentido, entendemos que a dominação masculina também está inculcada nos corpos dos homens por meio de um *habitus*, fazendo-os adotar algumas posturas que os confirmem em sua masculinidade, como, por exemplo, a atitude de colocarem-se sempre em pé com o corpo ereto, de cabeça erguida, em obediência a uma linhagem submetida às exigências da ordem simbólica (BOURDIEU, 2005). Por isso a “macheza” do sujeito tem de ser “validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (BOURDIEU, 2005, p.66).

Certas formas de “coragem”, as que são exigidas ou reconhecidas *pelas forças armadas, ou pelas polícias (e, especialmente, pelas corporações de elites)*, e pelos bandos de delinquentes, ou também, mais banalmente, certos coletivos de trabalho [...] *encontram seu princípio, paradoxalmente no medo de perder a estima ou a consideração do grupo*, de quebrar a cara diante dos companheiros e der remetido a categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados” (BOURDIEU, 2005, p.66, grifo nosso).

Considerando o postulado do autor, atentemo-nos, novamente, para a profissão exercida pelo marido de Rami: ele é comandante de polícia, logo está inserido em um ambiente que exige, do homem, a ratificação de sua masculinidade. Advém daí a justificativa para sua angústia, pois, ao perder suas mulheres, ele perde também a sua honra⁹, não podendo, portanto, afirmar-se diante de seu grupo, o que o levará, conseqüentemente, à perda e à desconsideração dos demais membros da corporação militar: “- Bastam-me, sim. *Mas o que dirá o mundo? Todos os homens zombarão de mim. Todos duvidarão da minha virilidade e serei motivo de chacota.* Dirão que entrei na andropausa. Que estou a perder os meus poderes. Que deixei a gaiola aberta por incompetência. (CHIZIANE, 2004, p. 271, grifo nosso). Nesse viés, convém-nos acentuar que a perda da virilidade do homem implica numa carga negativa também para a mulher – nesse caso, para Rami, a qual espera

que o homem ocupe, pelo menos, aparentemente e com relação ao exterior, a posição dominante do casal, é por ele, pela dignidade dele que nele reconhecem a priori e querem ver universalmente reconhecida, mas também por elas próprias, para que a sua própria dignidade esteja claramente afirmada e atestada no fato, e pelo fato, de que ele as supera visivelmente (BOURDIEU, 2005, p. 48).

Situada, pois, em uma sociedade patriarcal onde as conjunturas da dominação masculinas são elevadas ao máximo, a protagonista de Paulina Chiziane, embora tenha traçado um percurso que conduziu a história de Tony para um desfecho malogrado, ela espera que o seu companheiro ainda continue a postar-se de modo dominante em qualquer circunstância, a fim de que o seu reconhecimento social possa se estabelecer por meio de sua submissão a ele.

A macheza estava solta e vogava no ar. Do homem restava apenas uma bola de carne mendigando compaixão. Meu Deus, eu queria ver tudo nesta vida, menos o meu Tony *humilhando-se* de amor por uma outra melhor, diante dos meus olhos. *Gostaria que ele se comportasse como um macho ferido, que gritasse que batesse, que mordesse. Mas parece um touro capado.* E lança para ela aquele olhar de boi vencido pela charrua. (CHIZIANE, 2004, p.273, grifo nosso).

⁹ O ponto de honra, na compreensão de Bourdieu (2005, p.62), consiste no conjunto de estratégias de perpetuação dos privilégios concedidos aos homens (por meio de sua linhagem) que, detendo o monopólio dos instrumentos de produção e de reprodução do capital simbólico, visam à manutenção desse capital.

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o julgo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

Ainda que Rami, no excerto acima, incomode-se com o fato de Tony estar chorando por outra mulher, lembremo-nos de que ela e suas “rivais” assumiram a poligamia, permitindo-nos afirmar que o que está em relevo nesse caso é a humilhação – processo pelo qual o personagem masculino passa – entendida como um ato de inclinação, de curvar-se, do prostrar-se – atitudes estas reservadas apenas às mulheres, que, segundo Bourdieu (2005) ainda têm de se ajustarem a outras especificidades da linguagem do corpo, isto é, a um conjunto de posturas e comportamentos (como baixar os olhos e aceitar interrupções, por exemplo) que devem ser adotadas em suas práticas sociais.

Diante do exposto, podemos atestar que Rami é daquelas mulheres cientes de que a dominação masculina é uma matriz profunda, inscrita nas mentes e nos corpos dos indivíduos – dos homens e das mulheres –, que se propaga por meio de vias simbólicas, manifestando-se a partir de diversos meios, inclusive pela “linguagem das mãos e dos braços das mulheres que também são marcas visíveis” (CHIZIANE, 2004, p.185) da opressão imposta.

Considerações Finais

Nikette: uma história de poligamia é uma de tantas obras de Paulina Chiziane que pode ser abordada e revisitada sob a ótica de diversos estudos que se dedicam a compreender a situação da mulher (negra) na contemporaneidade. Em nosso caso, empreendemos uma análise que se esforçou em verificar como se dá o processo de dominação masculina na obra em pauta, a partir das considerações teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Ainda que o nosso artigo tenha se lançado a tal objetivo, torna-se imprescindível ressaltar que o romance analisado abarca outros aspectos de *A Dominação Masculina* que só um trabalho de maior fôlego pode dar conta de aprofundar. Contudo, a nossa primeira abordagem nos permitiu concluir, antecipadamente, que Rami é um “eu-enunciador” de muitas mulheres que refletem, conscientemente, muitos dos aspectos que compõem e/ou caracterizam a dominação patriarcal, mas que são incapazes de romper com ela, pois é “totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade”, pois “os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (BOURDIEU, 1998, p. 51).

REFERÊNCIAS

SANTOS, James Rios de Oliveira. A mulher sob o jugo do homem: aspectos da opressão patriarcal no romance *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

- BETTI, M, U. Pierre *Bourdieu e a dominação masculina*. Lab.Didático. São Paulo: Edusp, 2011.
- BONNICI, T. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- _____. *Conceitos-Chave da Teoria Pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- _____. *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós colonial em inglês*. *Acta Sci. Human Soc. Sci*, v.28, n.1, p.13-25, Maringá, 2006.
- BOTOSO, A; PIOLA, R. P. F. *O Espaço ficcional em Niketche: uma história de poligamia e A paixão segundo G.H.* 1.ed. Bauru: Canal 6, 2012.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CHIZIANE, P. *Niketche: Uma história da poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CUNHA, R, F. *A voz feminina: Constituição da literatura pós-colonial moçambicana*. *Revista Historiador*, Porto Alegre, n.03, p.64-71, dezembro, 2010.
- LEITE, A, M. Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais. In: *Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais*. Lisboa: Multifoco, 2003.